

EDUCANDO PARA VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO NA PERSPECTIVA DO BELO E DA ESTÉTICA – O CASO DO THEATRO TREZE DE MAIO – SANTA MARIA – RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

(*EDUCATING FOR VALUATION OF EQUITY IN VIEW OF THE BEAUTIFUL AND THE ESTHETICS – THE CASE OF THE THEATER THIRTEEN MAY – SANTA MARIA – RIO GRANDE DO SUL - BRAZIL*)

(*EDUCAR PARA LA VALORACIÓN DE LA EQUIDAD EN VISTA DE LA BELLA Y LA ESTÉTICA – EL CASO DEL THEATRO TRECE DE MAYO – SANTA MARIA – RIO GRANDE DO SUL - BRASIL*)

RESUMO

O artigo objetivou evidenciar a perspectiva filosófico-geográfica, em busca de sentido no belo e na estética, da Geografia Urbana – o caso do Theatro Treze de Maio, no Centro Histórico de Santa Maria – Rio Grande do Sul – Brasil. A metodologia caracterizou-se por uma abordagem qualitativa e perpassou, inicialmente, pelo estudo da temática, bem como pelo (re)conhecimento da área de análise. Após, elaborou-se a proposta de ensino dirigida ao Ensino Médio e construiu-se o roteiro-base da peça teatral realizada, durante a saída de campo, no Centro Histórico de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Depois, redigiu-se o texto final da proposta pedagógica que envolveu professores e alunos dos Cursos de Graduação de Geografia e de Filosofia do Centro Universitário Franciscano e professores e alunos da rede estadual de ensino. Constatou-se que, para o desenvolvimento desse aprendizado, a educação patrimonial revestiu-se de grande importância. A peça teatral serviu de estímulo à memória, resgatando, em muitos, a afetividade; em outros, o conhecimento; e, para todos, proporcionou a compreensão da importância da continuidade histórica e da valorização do patrimônio local.

Palavras-chave: Estética, Geografia Urbana, Paisagem.

ABSTRACT

This article aimed to highlight the philosophical and geographical perspective, in search of beautiful and esthetic meaning of Urban Geography, in the case of “Treze de Maio” Theatre, located in Historic Centre of Santa Maria city - Rio Grande do Sul - Brazil. The methodology was characterized by a qualitative approach and, initially, the study of the subject was made, as well as the (re)cognition of the analysis area. After, we prepared the education proposal to High School and built the play script basis to be performed during the field trip in Historic Centre of Santa Maria, Rio Grande do Sul. Then, the final text of the pedagogical proposal was wrote, involving teachers and students of Geography and Philosophy Graduate of “Centro Universitario Franciscano - UNIFRA” University and teachers and students from public schools. It was found that, for the development of this learning, heritage education took on great importance. The play attends to stimulate the memory, recovering, in many, the affectivity, in others, the knowledge, and for all, provided an understanding of the historical continuity importance and enhancement of local heritage.

Keywords: Esthetics, Urban Geography, Landscape.

RESUMEM

El artículo tiene como objetivo poner de relieve la perspectiva filosófica y geográfica, en busca de sentido en el bello y estético, en la Geografía Urbana - el caso del Theatro Trece de mayo, en el Centro Histórico de Santa María - Rio Grande do Sul - Brasil. La metodología se caracteriza por un enfoque cualitativo y pasó inicialmente por el estudio de la materia, así como el (re) conocimiento de la zona de análisis. Después, elaboramos la propuesta dirigida a la enseñanza de la escuela secundaria y base integrada guión de la obra a realizar durante la visita de campo en el Centro Histórico de Santa María, Rio Grande do Sul y luego escribió el texto final de la propuesta pedagógica la participación de profesores y estudiantes de graduación en Geografía y Filosofía del Centro Universitario y los maestros franciscanos y estudiantes de las escuelas públicas. Se encontró que, para el desarrollo de este aprendizaje, la educación patrimonial ha sido de gran importancia. La obra ha servido para estimular la memoria, recuperando en muchos, la afectividad; en otros, el conocimiento; y para siempre, siempre una comprensión de la importancia de la continuidad histórica y la valorización del patrimonio local.

Palabras clave: Estética, Geografía Urbana, Paisaje.

Natália Lampert Batista

Licenciada em Geografia - Centro Universitário Franciscano, Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria e bolsista CAPES
natilbatista3@gmail.com

Leandro da Silva Roubuste

Acadêmico de Filosofia – Centro Universitário Franciscano e bolsista PIBID
leandroroubuste@gmail.com

Elsbeth Léia Spode Becker

Professora Doutora do Centro Universitário Franciscano
elbsth.geo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Enxergar um significado maior na vida aproxima o homem ao seu ambiente, seja natural ou urbano, desenvolve a espiritualidade do mundo vivido. Esse, talvez, seja o paradigma da educação que contém elementos como ensino, formação, trabalho, qualidade de vida e sustentabilidade. A palavra paradigma, oriunda do grego, significa ‘exemplo’ ou ‘conhecimento’, originada da pesquisa científica e constituída como referência inicial que servirá de modelo para novas pesquisas (KUHN, 1978). Portanto, a partir desse sentido, a educação geográfica necessita buscar, na origem do tema estudado, o conhecimento e lhe conferir sentido e significado de entendimento.

Assim, para se chegar ao paradigma do ensino da Geografia Urbana, é preciso, de início, a materialidade. No caso das cidades, elas se materializam através de ruas, prédios, praças, monumentos. Há, porém, mais que isso. Quem experimenta o ‘sentido da estética e do belo’ sabe que, logo depois dos sinais materiais da arquitetura, prontos para se revelarem através dos tempos e dos estilos, estão valências de outras ordens, muitas delas destinadas a permanecerem, e outras a se multiplicarem, dotando o ambiente urbano de uma espécie de *zeitgeist*, expressão que foi consagrada pelos românticos alemães e que se costuma traduzir como “o espírito do tempo”.

De acordo com Cavalcanti (2013, p. 82),

A cidade é uma obra, é uma criação humana. Ao olhar uma cidade, munindo-se de conhecimentos sobre o seu processo de constituição e de sensibilidade para a contemplação de sua paisagem, é possível enxergar nela a marca do humano, do social, da humanidade. São as formas na paisagem, formas que resultam de vidas passadas e que dão vida ao humano; formas que permitem o humano.

Assim, a cidade transcende o visível e o observável. Ela vai além, desdobra-se em um emaranhado de ações, de objetos de ações e de reminiscências capazes de permitir que uma paisagem represente toda uma geração, toda uma história a ser reconstruída e marcada na memória do indivíduo ou do grupo social.

Essa convivência duradoura e de espiritualidade serve de inspiração e fio condutor a *Cidades Invisíveis* (1972), do escritor italiano Ítalo Calvino (1923-1985), que descreve diversos exemplares urbanos, todos eles dotados de uma rigorosa arte combinatória em que os detalhes arquitetônicos se cruzam constantemente com os sentimentos, os rituais e as atividades dos homens. Disso resulta uma viagem fascinante, pontuada pelas surpresas do desconhecido, do raro e do inusitado, fonte e alimento das sensações que se descobrem através do ato de buscar e dar sentido ao belo e à estética das cidades.

No atual contexto social, é perceptível a falta de reflexão, e, principalmente, da contemplação dos elementos que compõem o espaço. Falta contemplar o belo, o estético e entendê-lo em sua alma. A pressa e os inúmeros compromissos assumidos pelos sujeitos impedem que se conheça profundamente o espaço onde se (sobre) vive.

A vida prosaica invade todos os espaços, sem deixar lugar à poesia, e o viver se transforma predominantemente em sobreviver. Apreciar o mundo, contemplar a cidade passa a esfera do secundário, do tempo de folga que muitas vezes não chega.

Segundo Morin (2003, p.171):

É vão (...) sonhar com um estado poético permanente que, de resto, se cansaria de si próprio ou se tornaria selvagem se fosse ininterrupto. (...) Estamos condenados à alternância poesia/prosa. (...) Temos necessidade vital de prosa, já que as atividades práticas prosaicas nos fazem sobreviver. Mas com frequência, no reino animal, as atividades do sobreviver (...) devoram o

viver, isto é, o gozar. Hoje, na Terra, os humanos passam grande parte de seu viver a sobreviver. (...) É preciso tentar viver não apenas para sobreviver. Viver poeticamente é viver por viver.

Assim, contemplar e sentir a cidade em suas entrelinhas pode se tornar vida. Pode conduzir as instantes de poesia. Santa Maria, RS, possui espaços dotados de profunda beleza que acabam passando despercebidos no cotidiano cheio de atribuições. Por isso, é preciso, parar para pensar e apreciar o belo, apreciar a vida. Afinal, “nossa civilização está doente de velocidade. A tomada de consciência da corrida louca, do risco de arrebatamento é urgente. É preciso frear, diminuir a marcha, a fim de fazer chegar outro devir” (MORIN, 2003, p.148). Um devir que motive e embeleze a existência humana.

A atividade aqui relatada se mostra bastante importante, neste contexto, pois possibilita o olhar e o contemplar a cidade, visando à transformação de pessoas a partir a reflexão sobre o belo no Centro Histórico de Santa Maria por meio da abordagem em uma perspectiva filosófico-geográfica.

Enquanto educador é indispensável mostrar essa diversidade, pluralidade ou universalidade sem esquecer-se do subjetivo, do particular e, mais importante, do local o qual deve estar presente no seu pensamento. Isso posto, torna-se muito relevante o estudo da paisagem e da constituição do espaço local. Assim, torna-se muito interessante identificar o que é *Estética e do que ela trata* frente aos alunos, pois a partir desta vivência eles certamente transformarão suas atitudes frente ao patrimônio e, conseqüentemente, refletirão sobre seu modo de vida.

Além disso, o estudo do patrimônio histórico é extremamente importante, pois permite resgatar as Geografias do passado e compreender os “porquês” dos elementos que constituem a paisagem atual. Só percebe, contempla se emociona e cuida quem entende a beleza de Santa Maria com profundidade e, para isso, é preciso parar e observar, sentir e vivenciar a paisagem local.

Nesta perspectiva, destaca-se que paisagem é um dos conceitos clássicos e fundamentais à compreensão da ciência geográfica, além de nela estarem impressos diversos elementos dotados de beleza. Contribui, também, com o *Estudo do Lugar*, para que o aluno conheça o espaço onde está inserido e comece a compreender o mundo.

Sobre o conceito de patrimônio Nigro (2003, p.167) escreve que,

A noção de patrimônio se fortificou, no século XIX, buscando legitimar a possibilidade de posse pública de bens culturais que, em nome da coletividade, passaram a ser assegurados pelo Estado. Desde então, englobando bem culturais de valor inquestionável, o patrimônio se firmou onde melhor sobreviveu a ideologia dos setores oligárquicos. Além disso, só *experts* passam a ter competência de lidar com as questões de preservação e zelar pelo patrimônio. (...) O processo de democratização do patrimônio advém do distanciamento muito grande envolvendo as instituições de preservação e os sujeitos sociais para as quais, teoricamente, suas atividades deveriam estar dirigidas: os habitantes.

O tema abordado contribui na formação do indivíduo, pelo fato de que em se tratando de educação é necessário, antes de qualquer coisa, (re) conhecer a própria cultura e o valor do lugar. Essa atividade envolveu, ainda, uma Saída de Campo quem contém em si mesma, não apenas a contemplação do que é *belo*, mas também a *experienciação* do lugar.

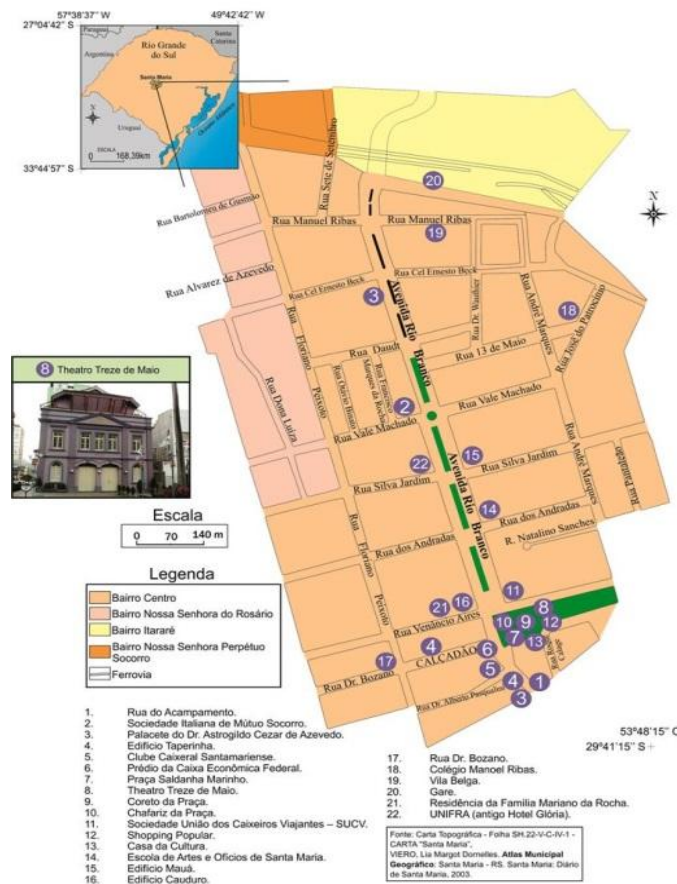
Além da importância social da abordagem do Patrimônio, a Geografia Cultural, enfocando a temática, já pode ser encontrada na vida prosaica, a qual seja nas provas avaliativas e concursos propostos pelo Ministério da Educação (MEC). O exemplo disso tem-se a questão número um da prova amarela do Exame Nacional do Ensino Médio, 2007. Essa apresentou um breve relato sobre a cultura patrimonial imaterial e

solicitou ao aluno que identificasse a imagem que corresponde a esse conceito. Assim, percebe-se que o estudo da Geografia Cultural, começa a ganhar destaque no cenário nacional.

É relevante que ela seja enfocada através da (re) leitura do patrimônio histórico com o intuito de preservá-lo. Sendo assim, é importante que os alunos construam conhecimento acerca do lugar através de sua história, a qual é de suma importância, bem como compreendam os conceitos filosóficos com maior profundidade a partir da observação e da contemplação das materializações no espaço. Aprender a contemplar o *belo* impregnado nas memórias e nas paisagens residuais locais pode fazer do *aluno-cidadão* um ser mais preocupado com a preservação da história e do patrimônio municipal. Através disso, podem refletir e compreender sobre as mudanças ocorridas na paisagem atual que se modificou ao longo do tempo.

Este trabalho enfoca justamente essa questão: da continuidade e do permanente, do novo e do velho, dessa faísca incandescente que liga diferentes temporalidades e que nos lembra aquilo que, em toda a atividade humana, resiste ao tempo, movido pelo sentido que lhe é dado. Assim, objetivou-se destacar a perspectiva filosófico-geográfica, em busca de sentido no belo e na estética, da Geografia Urbana – o caso do Theatro Treze de Maio, no Centro Histórico de Santa Maria – Rio Grande do Sul – Brasil (figura 1).

Figura 1: Mapa do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, a área parcial dos bairros da cidade (Centro, Nossa Senhora do Rosário, Itararé e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) que compõem o Centro Histórico de Santa Maria e a localização do Theatro Treze de Maio (8).



Fonte: VIERO, Lia Margot Dornelles. Atlas Municipal Geográfico: Santa Maria, 2003. THEATRO TREZE DE MAIO: <http://www.theatro13maio.com.br/site/historico.asp>, acesso em março de 2013.

O THEATRO TREZE DE MAIO, SUA HISTÓRIA E SUA ARQUITETURA

O Theatro Treze de Maio, na Praça Saldanha Marinho, foi construído no final do século XIX e sua história e arquitetura representaram um marco na paisagem da cidade.

A paisagem é constituída por inúmeros objetos, por sons, por cheiros e por cenas. Pode-se perceber o espaço da cidade como uma teia onde os homens se relacionam entre si e com objetos. Além disso, é fonte de memórias de inúmeras gerações que por ali passaram e/ou estabeleceram-se. Compreender a paisagem urbana como ‘algo vivo’ e transcender a sua imagem cotidiana são ações necessárias para a valorização do patrimônio arquitetônico e da própria cidade, viva e em constante transformação.

A cidade pode caracterizar-se como “ponto de referência simbólica, que faz parte da lembrança e da imaginação das pessoas. Nesse sentido, ela ultrapassa a dimensão de objeto técnico para avançar no seu sentido de criação humana, de lugar de produção da vida” (CALVALCANTI, 2013, p.83-84).

A compreensão do urbano, nesse contexto, perpassa pela leitura do espaço e pela valorização estética das materializações constituintes do espaço. A Filosofia, as Artes e a própria Geografia podem debater e permitir uma leitura interessante sobre as cidades. E sob esse aspecto, a “leitura” da história e da arquitetura do Theatro Treze de Maio forma as “cenas” do belo e do estético na paisagem urbana da cidade.

Santa Maria, localizada no “*Coração do Rio Grande*” ou no centro geográfico do Estado do Rio Grande do Sul, é um município marcado por ser um entroncamento ferroviário e, por isso, a cidade recebeu influências múltiplas na sua constituição humana e econômica.

A confluência ferroviária determinava um cenário em ebulição com cargas de todas as espécies, indo e vindo. Pessoas de todos os lugares transitavam em meio à cidade que ampliaria sua rede de hotéis e de comércio. A sociedade santa-mariense, assim, formava, também, as diferentes classes sociais, de empresários, de engenheiros, de técnicos e de operários da ferrovia, de comerciantes, de comerciários e dos demais trabalhadores. Essa sociedade múltipla também aspirava por cultura, teatro, música e festas. E foram várias as instituições que remontam ao final do século XIX e início do século XX, que se constituíram para atender as demandas da sociedade ferroviária.

Entre os elementos que marcam sua paisagem e suas memórias se encontra o Theatro Treze de Maio, construído com materiais reaproveitados da primeira catedral do lugar. Ele apresenta características neoclássicas e remete ao tempo áureo de Santa Maria.

O Teatrinho, como era conhecido, foi uma iniciativa de João Daudt Filho, que lançou sua campanha em prol de sua construção em setembro 1888. O fato de ser construído com material originário da antiga igreja matriz lhe atribuiu um caráter ainda mais encantador, pois de um templo religioso passou a um templo artístico. De acordo com Daudt (2003, p.87), “pensei então, que o material do templo que desaparecia em benefício dos amigos do alheio, seria digno de pertencer a outro templo – o da arte...”.

Os apetrechos, arrematados em um leilão, foram transportados em vagonetas (vagões abertos), através da Viação Férrea, até as proximidades do local de construção: a esquina da Praça Saldanha Marinho com a Rua Venâncio Aires, uma antiga *coxilha* (colina), localizada no centro da cidade, por onde, outrora, circulavam índios e viajantes e acampavam os tropeiros em suas longas jornadas, transportando o gado bovino pelo pampa gaúcho. “A área destinada a sua construção (...) foi formada

pela união de dois terrenos. Um deles foi doado pelos sócios de uma entidade chamada Fênix Familiar, já inativa na época da doação” (MORALES, 2008, p.44).

Os espetáculos eram iluminados à base de querosene. Na penumbra dos lampiões, ocorriam estréias mensais capazes de iluminar o teatro como um templo cultural. A partir de 1897, foi inaugurada a rede de energia elétrica na cidade, assim, além de iluminação interior, nas noites de espetáculos, acendia uma lâmpada na fachada do prédio como símbolo da arte que se produzia naquele lugar (RECHIAM, 1999).

Na década de 1980, iniciaram-se as obras de restauração, remodelação e ampliação do edifício com a finalidade de transformá-lo em um lugar confortável com novos e modernos recursos técnicos. A partir de 1993, surge a Sociedade dos *Amigos do Theatro Treze de Maio*, a qual se dedicou à reforma do prédio. Porém, as obras foram interrompidas por falta de recursos. Mais tarde, com uma nova campanha, “*Seja sócio da história*”, arrecadaram-se fundos para concluir a reforma. O resultado foi esplêndido. Com a tendência neoclássica, o Theatro Treze de Maio foi reinaugurado em 26 de maio de 1997, renascendo na Cidade Cultura e trazendo consigo memórias de um passado glorioso e a perspectiva de uma nova luz no centro de Santa Maria (MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997).

O prédio transcende as construções materiais podendo ser visto como um marco de lutas em benefício da arte e da contemplação da beleza e da cultura. O Theatro é mais que um patrimônio histórico, é uma memória “viva” da antiga paisagem ferroviária capaz de despertar a motivação e o desejo de pertencer a esse espaço tão amado e cuidado por várias gerações.

A COMPREENSÃO DO BELO E DA ESTÉTICA PARA VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL

Atualmente, o prédio do Theatro Treze de Maio possui 2.120 metros quadrados de área construída, tem uma aparência eclética de estilos arquitetônicos e apresenta um equilíbrio simétrico nas suas fachadas. A fachada frontal impõe um frontão triangular e frisos nas janelas e portas, que demarcam as características do estilo Neoclássico. Esse estilo apresenta-se, de um modo geral, em todo o prédio. Assim, predominam a clareza e a simplicidade arquitetônica, com linhas básicas de composição marcadas por pilastras, que evidenciam a influência de estilo de origem européia (FOLETTTO et al., 2008).

A parte nova e mais recente, acrescida à antiga edificação, revela estruturas metálicas de materiais modernos. Apresenta, assim, um cuidado para com a preservação da linha arquitetônica anterior, além de evidenciar os diferentes materiais, técnicas e estilos próprios de cada época. Para Foletto et al. (2008, p. 62), na arquitetura do Theatro Treze de Maio, “o antigo permanece como era e o novo reflete a atualidade” (figura 2a e b).

Figura 2: Theatro Treze de Maio no tem e no espaço: na primeira década do século XX (a); e na última década do século XX (2b).



Fonte: DAUDT FILHO, 2003 (2a); Autores, dez./2013 (2b).

Assim, na paisagem do centro da cidade, o prédio representa o idealismo e a concepção de mundo dos homens daquela época. A sociedade santa-mariense, através do século XX, incorporou a silhueta do Theatro Treze de Maio como patrimônio arquitetônico, e, por isso, mesmo com as modificações ocorridas no prédio e em seu entorno, faz parte da identidade do centro de Santa Maria e do imaginário dos cidadãos como algo belo.

O sentido no belo e na estética na paisagem seria a exposição sensível da idéia nas obras de arte, a partir das quais, pela primeira vez, seria resolvida a contradição entre sujeito e objeto, uma vez que a obra é “o primeiro elo intermediário entre o que é meramente exterior sensível e passageiro e o puro pensar” (BRAS, 1990, p. 60).

Nesse sentido, a idéia deve também tomar aparência sensível, uma vez que o fenômeno exterior é a objetivação do conceito posta por ele mesmo. A idéia, em sua manifestação sensível, Hegel denomina bela. Isto é, “o belo se determina como aparência sensível da idéia” (BRAS, 1990, p. 126). O que resulta, por sua vez, que beleza e verdade são coincidentes. Assim, a história, a memória, a estética, a arquitetura, uma vez idéia idealizada e concretamente materializada é a verdade e tudo que chamamos de verdadeiro o é na medida em que existe segundo a idéia.

Desse modo, o belo é a configuração da idéia, materializada na estética do Theatro Treze de Maio, desde o século XIX, quando a instituição de um espaço para abrigar espetáculos já era uma antiga aspiração dos moradores de Santa Maria até a atualidade quando a sociedade santa-mariense incorporou o prédio como patrimônio arquitetônico da cidade.

Para que se possa desenvolver uma análise coerente, radical e de conjunto acerca da epistemologia estética, é necessário que se tenha claro alguns aspectos que envolvem essa temática, como a influência que algumas teorias clássicas e modernas têm sobre o juízo estético e o conceito de belo, que tiveram início em Platão, Aristóteles e, posteriormente, mais intensamente com Immanuel Kant.

A respeito do debate sobre as definições de belo desde o período clássico até o período moderno, há divergências entre as teorias que deram início às discussões. Fala-se do período clássico até o moderno pela escolha de teorias que se adequaram a linha de pesquisa do presente trabalho, porém, sabe-se da amplitude dessa discussão em outros períodos e autores. Nesse sentido, cabe elencar uma das teorias em âmbito filosófico, mas não somente, a saber, a teoria platônica.

Para isso, o ponto central dessa discussão começa na afirmação de que o amor rege a forma de agir e explica as atitudes dos sujeitos, bem como as escolhas feitas de forma equivocada levam o sujeito ao erro. O texto investigado, a saber, “O Banquete”,

começa no encontro entre Sócrates, Agatão, Alcebiades e outros personagens, que têm como objetivo, o parecer de cada um acerca de Eros e sua relação com os fins.

Nesse sentido, é importante explicitar que dentro do diálogo descrito por Platão fica claro que o amor tem como finalidade chegar a uma verdade e um bem não apenas físico e passageiro, mas duradoura e rigorosa no sentido epistemológico metafísico que transcende a realidade e isso, em última instância, é belo. Segundo Platão (2010), Fedro explicitou muito bem, em um trecho do diálogo, a inversão acerca daquilo que é o Eros:

[...] o amor que vemos entre as pessoas vulgares, as quais, para começar, amam mulheres bem como rapazes; em segundo lugar, ao amarem, estão mais ligadas ao corpo do que à alma; e, além disso, escolhem como parceiros as pessoas mais obtusas, uma vez que tudo que visam é a consumação [do ato sexual] e não se importam se a maneira de consumá-lo é nobre ou não [...] PLATÃO (2010, p. 47).

Na passagem acima descrita, fica claro o objetivo de mostrar que o amor está estritamente ligado à satisfação sensitiva ligada ao corpo e não à alma. O que fica mais evidente é que Fedro exalta a prática das boas ações em detrimento do bem metafísico e não somente físico e que o Bem e o Bom supremos estão ligados ao Belo, o qual só se pode alcançar, se houver esforço e amor na busca proposta.

Mas para que fique claro que o amor de que falam os interlocutores de Sócrates e o próprio Sócrates, é necessário acompanhar o discurso do mesmo. Sócrates questiona Agatão no seguinte sentido, se Eros é um amor de nada ou de algo? Onde, Agatão conclui que é de algo. Assim, Sócrates leva-o a também concordar que Eros deseja aquilo que é objeto de seu amor, ou seja, ama a busca pelo conhecimento.

Segundo Platão (2010, p.73), Sócrates indaga Agatão nesse mesmo sentido, do seguinte modo: Eros, [...] “possui ou não o objeto de seu desejo e amor antes de desejá-lo e amá-lo?” Agatão responde que não. Então, Sócrates conclui segundo Platão (2010, p.73), que “se o sujeito desejador deseja necessariamente o que lhe falta, e por outro lado, não o deseja se não lhe falta”. Nesse sentido, conclui-se que o amor é a busca incessante pelo conhecimento, o que se segue da busca do Bem supremo, assim, o amor é uma condição de possibilidade para que o sujeito consiga atingir o belo o qual é o bom.

Portanto, o Eros que discutem os personagens do diálogo necessita e busca coisas belas, e coisas que são belas, por sua vez, são boas e só se pode chegar a esse conceito se a busca tiver base em um móbil, o qual é o amor. Ou seja, o amor é o que move o indivíduo na busca pelo saber, assim, cada indivíduo que possui vida se sente atraído pelo belo, e o caminho para atingi-lo é o amor pela busca.

Então, o amor é um princípio pelo qual se alcança o belo. Apesar disso, não anula a presença dessa temática no período medieval e nem contemporâneo, porém nos é conveniente apresentar o surgimento das questões acerca do juízo estético e do belo, bem como elencar e deixar claro o escopo da problemática. Essa discussão que envolve a temática, a saber, estético como ponto central do debate, enriquece a pesquisa abordada, a qual envolve a educação patrimonial bem como a percepção e a valorização do lugar, pois se o belo vincula-se ao amor e este à noção de pertencimento, é imprescindível trabalhá-la com os alunos a fim de que compreendam a beleza existente no patrimônio histórico e o preservem.

PERCEPÇÃO, AFETIVIDADE E REPRESENTAÇÃO CÊNICA COMO INSTRUMENTOS PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Devido à importância do tema abordado na formação do indivíduo, se pensou a atividade de ensino aqui apresentada. Ao falar-se em educação, é necessário, antes de qualquer coisa, (re) conhecer a própria cultura e o valor do lugar, palco de encontros e desencontros dos indivíduos/atores do teatro da vida. Assim, o cênico pode contribuir significativamente para transformar o olhar dos educandos acarretando na valorização do Patrimônio, ou seja, há uma preocupação em transformar as atitudes dos *sujeitos-alunos* através da educação e da cultura, permitindo novos olhares sobre a cidade.

Cavalcanti (2013, p. 87) afirma que

Olhar a cidade como cenário é enxergar a(s) marca(s) no seu desenrolar. É buscar possibilidade de contar suas histórias, outras histórias, narrativas diferente. É ver o pulsar do espaço em suas contradições, em seus conflitos – constituindo-se territórios provisórios, mas que garantem as práticas nos lugares garante as identificações. Olhar para o cenário, com a ajuda da geografia, é perceber essas cenas cotidianas como espaços abertos a percorrer e a descobrir.

Assim, compreender a cidade através de uma intervenção pedagógica, por meio do cênico/imaginário, isto é, do teatro, desenvolve uma consciência diferenciada nos envolvidos, bem como os transporta para outra época, fazendo-os transcender o tempo e apreender o espaço de maneira interativa.

Para Morin (2003, p.139):

Se for verdade que o imaginário não consiste em apenas vapores inconsistentes, mas faz parte do tecido complexo da realidade humana, se é verdade que o mito não é uma superestrutura, mas instâncias produzidas e produtivas, causadoras e causadas no círculo auto-organizador da cultura e da sociedade, se é verdade que a afetividade, o amor, o ódio não dependem apenas da contingência privada, mas constituem uma parte vital do humano, então (...) não (se) pode considerar os problemas ao nível meramente prosaico do tecnológico, do econômico e do quantitativo.

É relevante considerar a dimensão poética no ambiente escolar, nesta constante alternância com o prosaico, a fim de ampliar a significância do saber construído. Além disso, é importante que o patrimônio histórico seja abordado por meio de ações pedagógicas com o intuito de preservá-lo.

Sendo assim, é fundamental que os alunos tenham conhecimento da Geografia Urbana do lugar através de sua história, bem como compreendam os conceitos filosóficos com maior profundidade a partir da observação das materializações no espaço. Aprender a contemplar o *belo*, impregnado nas memórias e nas paisagens residuais locais, pode fazer do *aluno-cidadão* mais preocupado com a preservação da história e do patrimônio municipal. Através disso, pode refletir e compreender as mudanças ocorridas na paisagem atual que se modificou ao longo do tempo, bem como imaginar a vida outrora e desenvolver a criatividade.

A atividade didática desenvolvida contou com quatro momentos distintos: primeiramente, foi realizada a pesquisa teórica de conceitos vinculados à Geografia Urbana, à Estética e ao belo e organização/produção da peça teatral e da saída de campo; após, realizou-se um debate com os alunos, em sala de aula, sobre os conceitos, a fim de construir noções básicas para a compreensão da peça teatral; no terceiro momento, realizou-se a apresentação do teatro; e, por fim, refletiu-se sobre a eficiência da metodologia de ensino aplicada.

A peça constituiu-se de uma comédia (apêndice 1) cujas personagens teceram um diálogo sobre a temática *Estética*, em frente ao Theatro Treze de Maio (figura 3a). Para isso, foram escolhidos como personagens alguns representantes importantes da Filosofia Clássica como Sócrates e Platão¹ e, como articuladores do diálogo na perspectiva da Geografia Urbana, João Daudt Filho² e Gustave Wauthier³. As falas foram mediadas pela personagem contemporâneo e morador santa-mariense, Frei Ademar.

As personagens, em suas falas, retrataram o contexto de época, suas ações práticas que efetivaram e concretizaram a construção do Theatro e, especialmente, evidenciaram o desejo e a busca incessante pelo conhecimento e pela arte. O amor à cidade e à arte foi à condição de possibilidade para concretizar o Theatro que trouxe o belo e o bom, no sentido estético e no sentido de sensação.

Assim, no enredo da peça teatral Sócrates e Platão (figura 3b) atravessaram o Oceano Atlântico e chegaram à cidade de Santa Maria. Caminharam e uma sensação de êxtase os envolveu diante dos equipamentos urbanos, históricos, que encontraram na parte central da cidade. Sentiram-se especialmente maravilhados quando se depararam com o prédio do Theatro Treze de Maio e, então, indagaram do Frei Ademar (figura 3c), um cidadão santa-mariense contemporâneo, que transitava pelo local. Ao responder às perguntas dos ilustres visitantes, eis que apareceram, em cena, o idealizador do Theatro João Daudt Filho e o engenheiro Gustave Wauthier (figura 3d). E, assim, formou-se um encontro “no tempo e no espaço” que proporcionou o diálogo sobre o sentido do belo na estética do Theatro Treze de Maio.



¹ Filósofos gregos.

² Idealizador da campanha de construção do Theatro Treze de Maio.

³ Engenheiro belga que trabalhou em construções no auge da *civilização* ferroviária.

Figura 3 (a): Apresentação da peça teatral em frente do Theatro Treze de Maio. (b) Platão e Sócrates, alunos (c) Frei Ademar sendo questionado por Platão e Sócrates. (d) João Daudt Filho e Gustave Wauthier aproximando-se para o debate.

Fonte: BATISTA, 2013

A cena jamais poderia ter acontecido sob a perspectiva do real e do racional, porém, a imaginação é capaz de reunir indivíduos que viveram em séculos diferentes e fazê-los conversar e, mais do que isso, fazê-los ensinar e despertar curiosidade sobre temas importantes para a vida dos alunos. É possível estabelecer conceitos e discutí-los, transitando pelo tempo e pelo espaço, criando intersecções imaginárias e contemplativas do saber através de um ‘pacto literário’, em que por alguns instantes, se acredita no que se vê e se permite levar pelo mundo do pensamento, transcendendo o material, a história e o próprio espaço.

O cênico é capaz de atrair e de motivar distintos olhares, além de trabalhar com as emoções de quem se envolve no processo. É possível viajar no mundo da imaginação tecendo relações e associações de modo mais abrangente e contextualizado e não meramente *reprodutivista*. Os alunos puderam presenciar a história do Theatro e a sua relação com a filosofia de modo “vivo”, descontraído e surpreendente, sentindo-se parte daquele lugar e compreendendo o seu papel para a transformação e valorização das pessoas e dos lugares.

A cena reproduzida tratou dos conceitos de estética e da paisagem santamariense, exaltando suas características de modo bastante peculiar. Isso, certamente, contribuiu para a apreensão desses conceitos de modo significativo, além de possibilitar a percepção da importância do espaço urbano local e da necessidade de contemplar o que ele oferece para cada um. A beleza de um lugar e de sua história pode transformar e motivar a busca por um mundo mais justo e mais coerente, bem como auxiliará na compreensão da importância da história e do patrimônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados foram significativos e representaram um envolvimento com a atividade relatada. Constatou-se que, para o desenvolvimento desse aprendizado, a educação patrimonial revestiu-se de grande importância. Percebeu-se, entretanto, que um dos problemas para a vinculação efetiva da educação patrimonial local à rede de ensino é a falta de disponibilidade de material didático. E, nesse sentido, a proposta pedagógica e o referencial teórico de Filosofia e de Geografia Urbana podem subsidiar outras atividades relacionadas à educação patrimonial.

O resultado alcançado reforça a idéia de que a história e o patrimônio arquitetônico não são só o legado deixado por uma sociedade, numa determinada época, às gerações futuras, mas constituem elementos representativos da identidade de uma comunidade em qualquer tempo. Assim, a peça teatral, serviu de estímulo à memória, resgatando, em muitos, a afetividade; em outros, o conhecimento; e, para todos, proporcionou a compreensão da importância da continuidade histórica e da valorização do patrimônio local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAS, Gérard. **Hegel e a Arte: Uma apresentação à Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. 1972. Disponível em: <<http://moodle.up.pt/pluginfile.php/21840/course/section/5603/italo-calvino-as-cidades-invisiveis.pdf>>, acesso em julho de 2014.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A cidade ensinada e a cidade vivida: encontros e reflexões no ensino de Geografia**. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.). **Temas da Geografia na Escola Básica**. Capinas SP: Papirus, 2013.

DAUDT FILHO, João. **Memórias**. Santa Maria: UFSM. 2003.

FOLETTTO, Yane Terezinha; KESSLER, Janea; JAKS, Nilda Aparecida; BISOGNIN, Edir Lúcia. **Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti. 2008.

KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978. MORALES, Neida Regina Ceccim (Org.). **Santa Maria: memória**. Santa Maria: Palotti, 2008.

MARCHIORI, José Newton Cardoso, NOAL FILHO, Valter Antônio (orgs). **Santa Maria: Relatos e impressões de uma viagem**. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.

MORIN, Edgar. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NIGRO, Cinthia. Território do patrimônio: tombamentos e mobilizações sociais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS Amália Inês Geraiges (Org.). **Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

PLATÃO. **Diálogos V: O banquete; Menon (ou Da Virtude); Timeu; Crítias**. Baurú, SP: Edipro, 2010.

RECHIA, Aristilda. **Santa Maria: Panorama histórico-cultural**. Santa Maria: Associação Santa-Mariense de letras, Santa Maria: Palotti, 1999.

VIERO Lia Margot Dornelles. **Atlas Municipal Geográfico: Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti. 2003.

Site consultado:

THEATRO TREZE DE MAIO: <http://www.theatro13maio.com.br/site/historico.asp>, acesso em março de 2013.

Apêndices

A seguir será apresentado o roteiro base da peça teatral, construído a partir dos referenciais teóricos do presente trabalho.

Chegada de Sócrates em Santa Maria, acompanhado por Platão.

Fr. Ademar: Oh! O que vejo? O magnífico Sócrates!

Sócrates: Oh! Por Zeus! Quanta beleza! Valeu à pena gastar tanto tempo para chegar até aqui. Não foi fácil vir de Atenas, a pé, sendo que o mais difícil foi atravessar o grande oceano, nadando... Quase fiquei cansado!

Platão (olhando para os pés): Sim, mestre! Gastei toda a minha sandália.

Fr. Ademar se aproxima dos ídolos e é questionado.

Sócrates: Mas qual é o nome desta cidade? E qual é o seu nome meu jovem?

Fr. Ademar: Fr. Ademar! É Santa Maria, grande mestre!

Sócrates: Por Zeus! É um belo nome Senhora Santa Maria! É-me novo ver uma cidade com nome de Fr. Ademar!

Fr. Ademar: Nãããã...! O nome da cidade é Santa Maria! O meu nome é que é Ademar!

Sócrates: Falaste bem agora, pois é necessário que se estabeleça ordem nas respostas das respectivas perguntas!

Platão: Bem lembrado, mestre. Ensinou-me isto na última preleção que o senhor fez, ainda, quando estávamos em Atenas; vou anotá-la.

Fr. Ademar: Deve ser por isso que te deram Cicuta! Os atenienses estavam certos!

Sócrates: Muito bem! Analisemos agora, então, o que é certo? Você sabe o que é uma certeza, Fr. Ademar? O que nos leva a uma certeza? E quais pressupostos ela implica?

Fr. Ademar: Deus! Devia ter me escondido quando te enxerguei! Bom, mas o senhor não quer conhecer alguns monumentos belos de nossa cidade em vez de me encher de perguntas?

Sócrates: Seria esplendido!

Fr. Ademar: Vejamos agora grande Sócrates. O Theatro Treze de Maio foi uma iniciativa de João Dault Filho, que lançou sua campanha de construção em 30 de setembro 1888. Após um mês, aconteceu um espetáculo em benefício da concretização do projeto.

Neste momento, Dault Filho desce as escadas do Theatro.

Dault: Oh! Será que estou tendo visões. Platão e Sócrates em minha frente!

Fr. Ademar (com cara de desespero): Senhor! Será o apocalipse? Por que até agora só vi defuntos falantes!

Sócrates (sorrindo): Vamos prosseguir com a visita, mas antes me diga o seu nome!

Dault: Sou João Dault Filho, idealizador da campanha que resultou na construção do teatrinho. As suas ordens! Realizamos no Clube Caixeiral uma comédia em três atos: “A sogra”! Na época, os atores eram amadores, e os homens representavam papéis femininos, pois não era permitida a participação das mulheres nos espetáculos. Fui o grande animador e atuei como ator, diretor e montador de espetáculos, grande mestre!

Sócrates: Isso é fantástico, meu amigo Kant, Immanuel Kant, ficaria feliz ao ouvir isso!

Sócrates olha para Platão e diz: Anote! Isso será importante para sua definição de belo.

Sócrates: Sir Dault, mas como foi construído esse extraordinário monumento artístico?

Dault: Utilizamos o material do antigo templo religioso. “Pensei, então, que o material do templo, que desaparecia em benefício dos amigos do alheio, seria digno de pertencer a outro templo – o da arte...”.

Sócrates: O que é a arte na sua perspectiva contemporânea, pois nós filósofos da Antiguidade temos um conceito, meu caro Dault? Vejamos, primeiramente, o seu conceito caro amigo brasileiro!

Dault: Para mim, arte é o que esse monumento carrega em si mesmo!

Sócrates: Terei que ser honesto, meu caro Dault, pois não conceituei a arte e nem a beleza em minha época, porque tive que beber um “remédio” para diversas dores, inclusive para as dores da vida. Então pedirei para meu discípulo relatar o seu próprio conceito. Vai, Platão!

Platão: O belo é aquilo tudo que está no plano inteligível, pois tudo aquilo que está no mundo sensível é falso e cópia do mundo ideal.

Fr. Ademar: Está entendendo alguma coisa, Dr. Gustave *Wauthier*? Dr. Augusto *Wauthier*? (e desmaia).

Os três acordam Fr. Ademar e Dr. Gustave (que vinha passando pelo local) responde: Meu jovem sou um engenheiro belga, e auxiliiei Dault na construção do Theatro. É claro que sei do que falam! Dault é meu amigo!

Dault: O material para a construção foi transportado em vagonetas (vagões de trem aberto) através da Viação Férrea cedidas por meu amigo Gustave! A planta da obra foi criada pelo arquiteto, ator e diretor teatral Carlos Boldrini em conjunto com o diretor Júlio Weiss. E o nome *Theatro Treze de Maio*, foi uma homenagem à abolição da escravidão!

Sócrates: Muito bem, mas fale-nos sobre o Theatro hoje?

Dault e Gustave trocam olhares e ficam em silêncio.

Fr. Ademar: Isso eu sei! A partir de 1993, surge a sociedade dos *Amigos do Theatro Treze de Maio*, dirigida pelo Dr. Antônio Góí, que organizou a captação de recursos para a conclusão da reforma. Porém, somente em uma nova gestão, dirigida pelo professor Ailo Saccol e Ruth Pereyon, obteve-se o apoio de várias instituições, como a Faculdade Social da Universidade Federal de Santa Maria, que lançou uma nova campanha em prol de Theatro “*Seja sócio da história*”, com o intuito de arrecadar fundos para concluir a reforma.

A campanha foi bem aceita na sociedade santa-mariense, onde várias empresas apoiaram o projeto. Todavia, percebeu-se que se deveria modernizar o projeto arquitetônico e, por esse motivo, contratou-se o mais renomado arquiteto da época, o brasileiro, na área de restauração de teatros, Ismael Acunha Solé. O resultado foi magnífico, com a tendência neoclássica e o almejado pela Cidade Cultura tornou-se uma realidade após dezoito meses de trabalho.

Na noite de 26 de maio de 1997, o Theatro Treze de Maio foi reinaugurado com o prestígio de numerosa platéia. Pode-se afirmar que ele voltou aos seus tempos áureos e que brilha como o marco cultural do município. No mês de dezembro, é sede de belos espetáculos e se torna mais esplendoroso e de uma beleza incrível.

Sócrates: Muito bom, Fr. Santa Maria. Oh! Ademar. É uma lástima que esteja ficando tarde. Platão e eu necessitamos pegar o trem até o litoral para atravessar o grande oceano antes do pôr-do-sol, pois amanhã farei uma preleção sobre essa idéia que temos do conceito de belo, não é Platão?

Platão: Sim, mestre! Vamos, pois se vê que além das peças que são feitas dentro do Theatro e que tem a beleza em si própria, também se tem a beleza desse histórico monumento. Voltaremos em outra ocasião para visitarmos outros pontos da cidade!

Fr. Ademar: Graças a Deus que me escapei das perguntas desse “velho”!

Sócrates: Adeus, senhor Santa Maria! Mandarei uma carta por um pombo para que vá até Atenas e lá possamos discutir a respeito da certeza e outros pontos. Vamos ver como você defende suas teses!

Todos se despedem. Sócrates e Platão vão em direção à Gare da Estação Férrea; Dault e Gustave saem falando do Theatro pelas escadas. E Fr. Ademar fica com cara de espantado perguntando-se se ele era um *médium* que via mortos dos séculos III e IV a.C. e XX ao mesmo tempo.